Alberto Carvalho*

De Baltasar Lopes, a Obra e o Homem

Baltasar Lopes

"Quando o descobridor chegou/ e saltou da proa do escaler varado na praia/ enterrando/ o pé direito/ na areia molhada// e se persignou/ receoso ainda e surpreso/ pensando n'El-Rei/ nessa hora então/ nessa hora inicial/ começou a cumprir-se/ este destino ainda de todos nós."

Jorge Barbosa, *Caderno de um ilhéu*

"Assim,/ às vezes canto nem sei porquê.../ ...cantares que me saem da alma,/ longinquos/ relembrando um outro que eu fui e agora já não sou,/ mas que quero tornar a ser!"

Pedro Corsino Azevedo, *Claridade,* N.º 1

"Eu não te quero mal/ por esse orgulho que tu trazes;/ Por êste ar de triunfo iluminado/ com que voltas.../ ...O mundo não é maior de que a pupila dos teus olhos:/ tem a grandeza/ da tua inquietação e da tua revolta."

Manuel Lopes, *Claridade,* N.º 3

"Mamãizinha [...] / Eu sinto/ para além da tua epiderme de jambo dourado/ o lirismo antigo da minha raça/ crucificada/ na encruzilhada/ de duas sensibilidades..."

Osvaldo Alcântara, *Claridade,* N.º 2

Por nos termos acostumado a ver a pessoa de Baltasar Lopes através do filtro da sua figura de Autor, mesmo quando acontecia encontrarmo-nos para ouvir o patriarca bom conversador, a sua morte recente custará certamente mais do que um acontecimento deveras penoso.

Os Autores vão-se reinventando sempre nas Obras que escrevem, servem-lhes de anjo tutelar na vida e, depois, recompensam-se com a sua vitória pessoal sobre o tempo, mesmo que contado por influxos e refluxos. Porém, aos que como nós agrafam aos seus os nossos textos poderá, no limite, restar somente o privilégio de uma simbiose amável, feita daquela cumplicidade que só o Autor tem artes de conceder, em retribuição de habitarmos demoradamente a sua Obra.

O que não seria decerto pouco, não fora o sentimento da (breve) duração que nos deixam as coisas sempre escassas. A menos que, copiando o Chiquinho do mais lírico conto de Baltasar Lopes, "Pedacinho" [estou em crer que (quase) toda a sua ficção é carregada de ressonâncias poéticas] procuremos imitar a disposição do (auto)biografado a quem tudo serve de "pretexto e ocasião" (1). Baltasar Lopes é doravante

iluminado pela luz de um lugar novo, e sugere-nos o dever de o tomarmos por mais um confrade dos que ocupam a frisa das individualidades de tempo perfeito.

Queremos apenas sugerir que é o momento certo para se começar a desenhar a contraface do Autor, o seu outro lado necessário, e definitivo, de o Homem e a Obra. E pertence às boas regras deste jogo que tudo aconteça naturalmente, simples visitas feitas sob o olhar auspicioso da "velha senhora" Filologia que ele, aliás, bem conhecia por tê-la frequentado e cortejado assiduamente. E sem remédio, tanto que são ainda recentes as suas crónicas, "Variam Quaedam", de latinista gozado, nas páginas do *ponto & vírgula* animado pela irreverente arte gráfica do Leão Lopes (2).

Por isso é de propósito que evocamos a palavra do geógrafo, Mestre Orlando Ribeiro, quando num dos nossos encontros de 1983 falou demoradamente do perfil cultural de Baltasar Lopes. Sublinhava a sua dificuldade em distinguir o apreço pelo escritor da solidariedade fraterna que merecia o seu condiscípulo. Admitia ser difícil levar muito mais além a arte da palavra, como Baltasar Lopes-Chiquinho a explorava na convocação realista da vida humana bifronte, privada e social.

A república das letras regista, por vezes, destes casos de entendimento singular. Se as notas e a memória não nos traiem, o jovem caloiro Orlando Ribeiro terá vagamente conhecido o finalista crioulo, no longínquo mundo académico do Convento de Jesus, "alto e esguio como um coqueiro". Depois, muito mais tarde, foi outro crioulo seu Assistente, este de S. Tomé e Princípe que, subrepticiamente, lhe deu a ler *Chiquinho,* unindo as pontas de dois tempos distantes à espera de reabilitação.

Irremediavelmente, ao que parece. Tanto assim que a ciência "dura" do académico se rendeu à "ciência mole" de Baltasar Lopes-*Chiquinho,* por reconhecer nela a mais persuasiva introdução à geografia da fome, flagelo maior das ilhas de Cabo Verde. A cadeia prosseguiu com *A ilha do Fogo e as suas erupções,* de Orlando Ribeiro, que moveu o cabo-verdiano Júlio Monteiro, bem colocado na política, a acudir "a Cabo Verde a tempo de a fome não dizimar mais de um décimo da sua população" (3).

E, para cada qual o seu monumento. O "Monte Orlando" da ilha do Fogo é a eternização de um, e a Obra do outro é uma sinédoque que consigna toda a realidade de todas as ilhas. E esta tem de vir de muito longe. Se na asserção de Arnaldo França "nada nasce do nada" (4), tudo é explicável, até a unidade da cultura que desconhece ter cor a pele dos humanos. Essa

pertence à realidade a que nos referimos acima, substância sem retórica, para melhor servir a retórica de uma tríade (hipótese de trabalho) inaugural que atribuimos à sequência Sérvulo de Paula Medina e Vasconcellos, José Lopes e Baltasar Lopes (5).

Como, por vezes, os poetas sabem enunciar a verdade da maneira mais nítida, será produtivo tomarmos como ponto de referência o "Prelúdio" de Jorge Barbosa. Ou "Carta" onde um novo Pêro Vaz de Caminha nos incita à reflexão sobre a respeitável antiguidade registada pela história e pela cultura da nação cabo-verdiana, despistando-nos caminhos que talvez ajudem a desvendar alguns segredos e esclarecer muitas surpresas.

Já dentro da dinâmica gerada pela introdução da Imprensa (Boavista, 1842), são os paladinos da autonomia regional (setembristas revolucionários) que exigem a Escola Principal (Brava, 1848). Como corolário lógico, reconhecemos em Medina e Vasconcellos a prioridade no aproveitamento da "comunicação social" com a finalidade de ensinar o desejo possível da vida literária (*A Bella Virgem do Mondego,* 1847, *Um Filho Chorado,* 1850, *Ao Totinegro,* 1950, e *Violante,* em 1850). No mundo da cultura do livro as regras lógicas funcionam em espiral, admitindo que se o livro depende do escritor este só tem emprego quando solicitado pelo público leitor (6).

Depois, ao celebérrimo Seminário-Lyceu (1866) e às suas fornadas de humanistas-professores pertence a nacionalização da Escola, a difusão do saber e o sentimento de posse do livro. José Lopes representa aqui a deriva da fome de ler transformada em exercício artístico da escrita, num magistério tenaz, à António Feliciano de Castilho. E surpreendente será o facto de ter sido capaz de reunir uma tão grande soma de erudição nos domínios da filologia, da estilística e da literatura, mau grado as desvantagens do isolamento e da precariedade de recursos naturais.

Andavam pelos vinte e três anos os jovens da terceira geração que, cerca de 1930, depositavam uma fé cega nas virtudes da ciência do tempo entre-as-duas-guerras, entusiasticamente difundida pelo nóvel "Liceu de Mindelo". Entretanto, desenhavam-se sinais inquietantes do futuro, com o estrangulamento da emigração para a América e o aumento da tensão agressiva na Europa. E o Brasil dava um bom exemplo de "revolução" literária em direcção ao realismo nacionalista, ao mesmo tempo que os Negros antilhanos e africanos de Paris chegavam ao rubro da impaciência.

De Coimbra, o liceal Manuel Lopes interrogava os seus patrícios sobre o papel que lhes deveria caber nesta febre de mutações sociais, regressando a Cabo Verde pouco depois de Baltasar Lopes haver desembarcado com a volumosa bagagem de dois Cursos da Universidade de Lisboa. Mas, ao que se supõe (há vantagem em que certos dados permaneçam ignorados a fim de alimentarem o discurso especulativo que os faz continuarem vivos), os contactos e a afinação das ideias do grupo *Claridade* surgiram de forma bem menos espontaneista do que este entusiasmo deixa pensar.

Quanto a Baltasar Lopes, para traz ficam os acontecimentos pessoais de onde saíram os que o Autor atribuiu a Chiquinho menino-jovem que "não teria podido vir a ser médico". Por o virtual futuro clínico ter perdido o navio de carreira, foi-se o projecto. Porém, pouco depois (17/10/1922) segue para Lisboa no Carvalho Araújo, entregue ao comandante Cisneiros, e num único ano "arranca" os 6.° e 7.° anos no "matadouro", o Liceu Camões em gíria estudantil daquela época.

De 1923 a 1928 faz brilhantemente Direito e, porque "era necessário pensar em ganhar a vida", em 1926 reconsidera a sua convivência com mestres do Seminário- Lyceu, e inflecte para as Românicas, que faz em regime de acumulação, concluindo o Curso com idêntico brilho em 1930. Não é com certeza necessário pedir esclarecimentos ao determinismo sociocultural sobre esta vertigem de inclinação humanista, de abertura à fraternidade universal, bem conhecida dos habitantes da república das letras. Ela será o desiderato de uma refinada cultura especialmente motivada pelos endereços compensadores em direcção aos outros, pretendendo nobilitar uma terra martirizada.

Como muitos outros seus patrícios, Baltasar Lopes pertence à cadeia de notáveis onde, ressalvada a circunstância feliz de dotes pessoais, os dados da herança cultural, de desenvolvimento definitivamente enraizado, exprimem a "naturalidade" da vida intelectual. Mas, é óbvio, formalmente optimizada pelo ganho da sólida formação que o protegeu da desordem própria do autodidactismo, acumulação de saber sem organigrama devidamente testado, impossibilitado de graduar valores e de os distribuir por escalas que distingam entre essencial e acessório (7).

Daí provém a nossa convicção de ter sido a (in)formação de Baltasar Lopes a alma vertebradora da *Claridade,* sem nenhum sentido de redenção e epifania de chefe de fila, inadequada à ideia de grupo. Porque, quanto à caracterização dos criadores

da modernidade nas letras cabo-verdianas, a unidade do movimento e a ideia de grupo bem poderão ser tomadas por elementos significativos; logo que se trata de procurar uma explicação para o facto de a *Claridade* ter circulado sem manifesto programático.

Tanto assim que não faltam os relacionamentos unitários v.g. o poeta em Jorge Barbosa e em Pedro Corsino Azevedo, o ensaísta-poeta-contista-romancista em Manuel Lopes e em Baltasar Lopes. Ou, ainda, o lirismo contemplativo das ilhas em Jorge Barbosa e o lirismo perscrutador da cidade em Baltasar Lopes, o lirismo elegíaco pela morte do porto em Manuel Lopes e o lirismo errante da vida em Pedro Corsino Azevedo.

E, mais, a saga dos homens danados, com fome de liberdade, no poeta Jorge Barbosa e com fome de terra e pão no romancista Manuel Lopes. E, a descoberta da individualidade única, na filosofia afro-europeia do poeta Baltasar Lopes e na filosofia existencial-popular do poeta Pedro Corsino Azevedo. Sem esquecer que, como costuma ser de norma em todas as tertúlias, além dos "in-" também se registaram dissidências, para não deixarmos sob silêncio Jaime de Figueiredo. E, mesmo sem Lei de mecenato, não faltou o (Manuel Velosa) entusiasta atento às letras dos amigos, participante nos recursos difíceis, especialmente colaborador "nas letras de dívida que a *Claridade* tinha de enfrentar em muitos casos de maré crítica" (Baltasar *dixit,* cito de memória).

Mas Baltasar Lopes é certamente bem mais do que isso, por formação explicável pela metáfora lógica de Manuel Lopes que admite não terem os claridosos feito o que quiseram, arbitrariamente. Foram homens do tempo e "instrumentos" exigidos por Cabo Verde que se queria cumprir objectiva e projectivamente. Cada um com as suas armas próprias, devemos acrescentar, reconhecendo que o arsenal científico de Baltasar Lopes superou largamente o de todos os outros, sem ter sido sequer alguma vez igualado.

Pode-se elaborar uma hipótese bastante especulativa, com a finalidade de desenvolver a anterior homologia José Lopes/ Castilho, propondo outra do tipo Baltasar Lopes/Almeida Garrett. Apesar de arriscada, e do eventual toque no orgulho de uma individualidade crioula, não desagradaram a Baltazar Lopes os argumentos sobre similaridades factuais, incidentes no domínio da actividade de polígrafo que faz a síntese da formação clássica com a produção romântico-realista.

Com a ressalva da heteronimia porque, se o português apenas ressuscitou "Garrett" do antecendente irlandês materno, o cabo-verdiano cindiu-se no poeta Osvaldo Alcântara, no contista e no ensaísta linguístico de juventude Baltazar Lopes e

de maturidade Baltasar Lopes, extensível também ao romancista e ao cronista, e no linguista Baltasar Lopes da Silva onde perpassa a marca indelével de Leite de Vasconcellos (8).

As circunstâncias terão feito de Garrett uma das almas possíveis do seu tempo, com ligação das suas artes à vida cultural erudita e às artes literárias do povo. Da vida cultural da *Claridade,* e do que poderá caber a Baltasar Lopes na vertebração possível da sua alma, pode-se dizer que pelo menos há alguma coincidência entre factos: no primeiro dos hiatos a considerar na vida da *Claridade,* a data de 1937 é contemporânea da partida de Baltasar Lopes para Portugal, quando se foi habilitar com o Estágio Pedagógico do Liceu Pedro Nunes, entre 1938 e 1940.

Entretanto, quando docente no liceu de Leiria, 1940/41, ocorrem os eventos separadores das águas ideológicas entre Baltasar Lopes e o Estado Novo, que rejeita liminarmente a manutenção da sua candidatura ao lugar de Assistente da (sua) Faculdade de Letras de Lisboa, uma questão anedótica grave que tem ao menos o mérito da ironia. Pelo seu lado passivo, do mundo "afecto às letras", concedeu a Baltasar Lopes o direito de figurar entre os proscritos do regime, reais ou em vias de o serem, como Agostinho da Silva, Rodrigues Lapa, etc., dado curricular que ainda está à espera de ser devidamente valorizado (9).

Os efeitos activos são porém determinantes, por ter rejeitado logo depois o convite para leccionar numa Universidade brasileira, anti-evasionista de facto concreto que preferia definitivamente a humilhação na sua terra, carecida de todas as obras. E obra é, pouco depois, a *Claridade* no seu segundo ciclo que, por acaso(?), se reinicia (N.° 4) no ano de publicação de *Chiquinho,* 1947, entretanto renovada na sua tipografia, no elenco de colaboradores, e na generalidade e na diversidade de conteúdos ensaísticos e científicos.

Mesmo remetendo esta melhoria qualitativa para a conta-corrente do elan geral que resultou da euforia do fim de guerra, subsiste o notável resíduo da originalidade linguística no ensaísmo de Baltasar Lopes, co-naturais à versatilidade de uma escrita que problematiza o cabo-verdiano e a terra, ao longo de todos os registos onde as significações relativas ao binómio "natura-cultura" adquirem maior interesse humano, cultural ou literário.

Assim, no que é o menos cabo-verdiano dos contos, *A Caderneta,* ele mima o papel de advogado dos pobres, enquanto no melhor conto, *Muminha vai para a Escola,* é o autobiógrafo-

cronista da maior fábrica de cultura erudita de Cabo Verde. No conto mais clínico, *O Construtor,* é o analista exacto da cultura universal que sufoca, insularizada numa ilha. Já porém nos contos com maior sentido problematizante, *Dona Mana, Pedacinho,* e *Egídio* e *Job,* é o sujeito que assume o papel essencial de encarar, frontalmente, o tema da reflexividade da escrita mais ou menos camuflada, no espaço "tiranizado" pela oralidade.

No primeiro, *Dona Mana,* a tese da mobilidade vertical que serve ao linguista do crioulo estrutura o embate entre os discursos erudito e popular, em ordem a uma síntese sem vencedores nem vencidos, porque todos entram no ethos no discurso final. Em *Egídio* e *Job,* e como aprendera de Mestre Leite de Vasconcellos, é a autobiografia do jovem professor, nas férias do Liceu de Mindelo, que fazia a escuta do povo, em busca de histórias que o representassem contador de histórias (10).

Do mesmo modo procedeu Garrett, e cada um com a sua arte. No início das *Viagens na Minha Terra* este diz ir a Santarém para ver as várzeas do Ribatejo e visitar o amigo. Contudo, os últimos argumentos são sempre os que respondem às últimas verdades do Autor: "Se assim o pensares, leitor benévolo, quem sabe? pode ser que eu tome outra vez o bordão do romeiro, e vá peregrinando por esse Portugal fora, em busca de histórias para te contar" (11). Da alusão feita acima à metodologia de Baltasar Lopes parece emergir a ideia que *Chiquinho,* como romance, é também um lugar cénico de Autor a ostentar um programa-motivo análogo.

Entre 1930 e 1938, o professor interino colhe materiais etnográficos, regista eventos sociais verídicos e colecciona dados biográficos de figuras reais típicas (Nhô Chi'Ana, Nhô João Joana, Nhô Loca, sr. Euclides Varanda, Chico Zepa, Manuel de Brito "Parafuso", José Lima, etc.). E cerca de 1936 Baltasar Lopes deu início à "estruturação mental do romance", submetendo os conteúdos à junção das vias popular e culta, "cerzindo" o texto final em Lisboa, entre 1938 e 1941 (12)

Subsiste contudo a contradição entre esta unidade programática e um fragmento, "Nhô Chic'Ana", publicado no *Diário de Lisboa* (13), em anúncio de um romance para breve, *Expan*são, depois convertido em *Chiquinho.* Contradição aparente que apenas exprime um crescente domínio das técnicas e da linguagem literária, e o seu consequente aproveitamento pelo próprio Autor em benefício de outra estratégia de escrita, agora melhor ajustada à mobilidade do povo cabo-verdiano nas ilhas e na emigração.

O romance *Chiquinho* é o significante pleno da escrita artística que afronta a realidade com a densidade da sua simulada presença. Depois, no poema em prosa-conto *Pedacinho,* o Autor desvenda o significante lírico que prenuncia a figuração da outra realidade, de Cabo Verde observado em *Acushenet Avenue,* sob as paralaxes da distância e da perturbação visual dos olhos marejados de saudade (14).

Mas a ordem do Estado Novo também tinha as suas artes, e serviu-se delas para fazer abortar o projecto. Essa é já outra história.

* Professor da Faculdade de Letras de Lisboa

NOTAS:

(1) Baltasar Lopes, "Pedacinho", in *Os Trabalhos e os Dias,* Linda-a-Velha, ALAC, 1987, p. 69

(2) *ponto & vírgula,* revista de intercâmbio cultural, S. Vicente. Publicaram-se 16 números entre 1983 e 1986.

(3) Ribeiro, Prof. Doutor Orlando, "Elogio do Doutor Baltasar Lopes da Silva", in *Doutoramentos Honoris Causa,* Universidade de Lisboa, Lisboa, 1981, p. 40.

(4) França, Arnaldo, *Notas sobre Poesia e Ficção Cabo-Verdianas,* Praia, Centro de Informação e Turismo, 1962.

(5) Uma sequência assenta em critérios de funcionalidade, de significação e de sentido. O valor absoluto não é para aqui chamado. E poetas de valor absoluto há bastantes em Cabo Verde, felizmente.

(6) Publicados no *Boletim Oficial do Governo Geral de Cabo Verde,* em finais da década de quarenta e início da de cinquenta.

(7) Sem nenhum sentido pejorativo que humilhe a notabilidade do saber acumulado pelo autodidactismo. Aliás, toda a aprendizagem dita empírica segue essa via que engendra a sageza.

(8) Como Baltasar Lopes nos confessou, de viva voz, na sua casa de Mindelo, em Fev. de 1982, igualmente referida pelo Prof. Orlando Ribeiro, cf. Nota 3, p. 39.

(9) De todas quantas teses circulam para explicarem a exclusão da candidatura de Baltasar Lopes à docência na Universidade de Lisboa, esta é a que se encontra conforme a verdade do próprio, confirmada pela versão do Prof. Orlando Ribeiro, parte solidária com o destino do seu amigo.

(10) Os contos de Baltasar Lopes, excluída a diversidade de critérios seguidos na edição avulsa dos textos, ao sabor de muitas vicissitudes, encontram-se reunidos em edição recente supervisionada pelo Autor e segundo a sua vontade. cf. Nota 1. No que concerne a poesia, publicada em diversos órgãos e lugares, constitui referência de base o texto Osvaldo Alcântara *Cântico da Manhã Futura,* Praia, Banco de Cabo Verde, 1986, também organizado conforme a vontade do Autor. E assim igualmente, Silva, Baltasar Lopes da, *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde,* Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, e Baltasar Lopes, *Chiquinho,* Linda-a-Velha, ALAC, 1984, edição fotogravada sobre a 1 ª ed. de 1947.

(11) Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra,* Lisboa, Estampa, 1977, p. 338.

(12) Informações pessoais colhidas na fonte. Cf. Nota 8.

(13) Baltazar Lopes, "O drama da terra". Suplemento literário do *Diário de Lisboa,* Lisboa, 16-8-1935, p. 3-4, com informação final de "Capítulo do romance inédito *Expansão".*

(14) “Nas fábricas de algodão ele [José Lima] ganhou a tosse seca que cortava a miude as suas conversas. Mas a sua experiência enriqueceu-se extraordinariamente. Em Second Street, em Acushenet Avenue, em Water Street, foi encontrar Cabo Verde reproduzido em minúsculo na terra americana”. in Baltazar Lopes, *Chiquinho,* cf. Nota 10, p. 224.

Referência

Carvalho, A. — De Baltasar Lopes, a Obra e o Homem. Revista ICALP, vols. 16 e 17, Junho-Setembro de 1989, 245-252.